

**justiça climática na educação básica:
projetos escolares em comunidades periféricas**

**climate justice in basic education:
school projects in peripheral communities**

Danielle Ramos Rosa

Professora Orientadora de Sala de Leitura e Professora de Língua Inglesa
Redes Municipal Estadual de São Paulo
São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9065-6816>

Erika Vieira Lima Monfardini

Professora de Educação Digital e de Matemática e Educomunicadora
Redes Municipal Estadual de São Paulo
São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6360-0729>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17400911>

Resumo: Este artigo analisa como práticas pedagógicas promovidas na educação básica podem ser o ponto de partida para mudanças comportamentais em jovens de populações periféricas, promovendo o protagonismo juvenil e a compreensão da educação climática como um direito. A partir de uma abordagem qualitativa, investiga-se a experiência dos estudantes da *EMEF Professor José Mário Pires Azanha*, localizada na zona leste de São Paulo, na participação dos projetos *Imprensa Teen Azanha* e *Sarau do Clima*, que articulam temáticas como o racismo ambiental, as mudanças climáticas, os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* (ODS), entre outros. Reflete-se que tais vivências revelam a potência da escola pública como palco de uma educação crítica e transformadora, promovendo a justiça ambiental e o princípio do bem-viver, por meio do desenvolvimento de práticas educativas integradas ao território, à comunidade e ao cuidado com a vida, de forma interdisciplinar, proporcionando também a construção de alternativas sustentáveis e solidárias no cotidiano escolar. Conclui-se que essas ações são fundamentais para a promoção de uma educação climática, que visa educar sobre as mudanças climáticas e suas causas, contribuindo para a construção de um futuro resiliente e justo.

Palavras-chave: (1) Educação ambiental climática; (2) Comunidades periféricas; (3) Educomunicação; (4) Projetos pedagógicos; (5) Participação estudantil.

Abstract: This article analyzes how pedagogical practices promoted in basic education can be the starting point for behavioral changes in young people from peripheral populations, promoting youth protagonism and the

understanding of climate education as a right. Using a qualitative approach, the article investigates the experience of students from *EMEF Professor José Mário Pires Azanha*, located in the eastern part of São Paulo, in participating in the projects *Imprensa Teen Azanha* and *Sarau do Clima*, which articulate themes such as environmental racism, climate change, the Sustainable Development Goals (SDGs), among others. It is reflected that such experiences reveal the power of public schools as a stage for critical and transformative education, promoting environmental justice and the principle of good living, through the development of educational practices integrated with the territory, the community and care for life, in an interdisciplinary way, also providing the construction of sustainable and supportive alternatives in the school routine. It is concluded that these actions are fundamental for the promotion of climate pedagogy, which aims to educate about climate change and its causes, contributing to the construction of a resilient and fair future.

Keywords: (1) Climate environmental education; (2) Peripheral communities; (3) Educommunication; (4) Pedagogical projects; (5) Student participation.

Introdução

A crise climática é uma das maiores ameaças do século XXI, afetando de maneira desigual diferentes territórios e populações, especialmente as comunidades periféricas. Nesse contexto, a escola pública emerge como espaço fundamental para promover uma educação crítica, que dialogue com as realidades socioambientais vividas pelos estudantes. O estudo reflete como práticas pedagógicas desenvolvidas na educação básica podem contribuir para a formação de uma consciência ambiental coletiva, estimulando o protagonismo juvenil e a compreensão da educação climática como um direito fundamental.

A partir da experiência de estudantes da EMEF Professor José Mário Pires Azanha, localizada na zona leste de São Paulo, analisa-se a atuação de projetos como o *Imprensa Teen Azanha* e o *Sarau do Clima*, que integram temáticas como racismo ambiental, mudanças climáticas e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Essas iniciativas demonstram o potencial da escola como agente de transformação social, articulando território, cultura, conhecimento e ação política em favor da justiça ambiental e do bem-viver, assim como Professor Ismar de Oliveira Soares reforça sobre a educomunicação e sua relevância:

A educomunicação se configura como uma prática educativa que integra comunicação e educação, visando à formação crítica e participativa dos sujeitos em suas comunidades. Ela não se limita à mera transmissão de informações, mas busca promover a autonomia, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, possibilitando a atuação cidadã diante dos meios de comunicação (SOARES 2010: 24).

Nesse contexto, a educomunicação se apresenta como uma abordagem capaz de potencializar essas práticas escolares. Ela propõe o fortalecimento do ecossistema comunicativo nos espaços educativos, estimulando a produção midiática pelos próprios estudantes e transformando a escola em espaço de expressão, diálogo e participação cidadã. Mais do que um recurso didático, a educomunicação reconhece a comunicação como direito humano e como ferramenta para a construção coletiva de conhecimento, aproximando os jovens das questões ambientais de forma crítica e engajada.

Ao promover projetos como rádios, jornais, blogs, podcasts e saraus, a educomunicação amplia a autoria estudantil e favorece a leitura crítica da realidade, possibilitando que as vozes historicamente marginalizadas sejam valorizadas. Assim, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento de competências comunicacionais e socioemocionais, também fortalece a consciência socioambiental e climática. Essa integração

entre comunicação e educação sustenta uma prática pedagógica comprometida com a justiça social, a democracia e a transformação do território.

Nesse sentido, a proposta pedagógica aqui discutida se alinha à visão de Paulo Freire (1996), que defende uma educação voltada à libertação e à consciência crítica, afirmando que *"a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo"*. Da mesma forma, os alertas do cientista de sistemas terrestres e climatologista Carlos Nobre (2021) reforçam a urgência de envolver comunidades vulneráveis nas soluções para a crise ambiental, pois, segundo ele, *"sem justiça social e inclusão, não há como enfrentar a emergência climática de forma eficaz"*. Em entrevista com o *Imprensa Teen Azanha* no evento Construindo uma Cidade Sustentável Rumo a COP30, no dia 07 de abril de 2025, Carlos enfatiza que *"os jovens, principalmente as mulheres, têm que assumir uma grande liderança de combater essa emergência climática que nós vivemos"*, mostrando o papel fundamental da juventude nessa luta. Assim, a construção de uma educação climática exige o reconhecimento da potência transformadora da escola pública e a valorização das vozes dos sujeitos historicamente silenciados.

Educação Climática e protagonismo juvenil: a potência das práticas pedagógicas em territórios periféricos

A realidade vivenciada por jovens de comunidades periféricas brasileiras está marcada por múltiplas vulnerabilidades sociais, econômicas e ambientais. Dentro desse contexto, a escola pública não apenas educa, mas se torna um espaço de resistência, articulação e pertencimento. A proposta de uma educação climática crítica se insere nesse cenário, entendendo que educar para a questão ambiental vai além da transmissão de informações científicas: trata-se de promover consciência política, cidadania ativa e transformação social. Pois, como é evidenciado na cartilha *"Quem precisa de justiça climática no Brasil?"*

O movimento da justiça climática chama atenção para o fato de que mulheres e meninas, especialmente do Sul Global, compõem um dos grupos mais impactados. Elas sofrem com múltiplas desigualdades que devem ser analisadas sob a ótica da interseccionalidade. A crise climática pode ser considerada mais um eixo de opressão que se soma questões ligadas à pobreza, educação, acesso a recursos naturais, violência sexual e muitos outros fatores que, sobrepostos, geram situações de profunda desigualdade (FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO 2021: 33).

Como afirma Paulo Freire (1996: 79), *"ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou*

a sua construção”. Assim, a educação climática, quando pensada de forma crítica, deve possibilitar que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos capazes de compreender e intervir sobre as realidades socioambientais de seus territórios. Esse reconhecimento é essencial para o fortalecimento do protagonismo juvenil, especialmente entre os que vivem em contextos de exclusão, onde a crise climática se soma a outras formas de opressão e desigualdade.

Como argumenta Sônia Guajajara (2022), “*não há justiça climática sem justiça social, e não há justiça social sem escutar os povos que historicamente cuidam da terra*”. Sua fala reafirma a urgência de construir alternativas sustentáveis a partir das experiências e saberes das populações mais afetadas, integrando o território, a cultura e o cuidado com a vida como elementos centrais da formação escolar.

Educomunicação e justiça climática nas periferias: a experiência da EMEF José Mário Pires Azanha com o *Imprensa Teen* e o *Sarau do Clima*

Na EMEF Professor José Mário Pires Azanha, os projetos *Imprensa Teen* e *Sarau do Clima* exemplificam como práticas pedagógicas interdisciplinares podem articular juventude, território, arte, comunicação e meio ambiente. Ambos os projetos foram construídos coletivamente por professoras e estudantes, e partem da escuta sensível às questões locais, dando visibilidade a temas como o racismo ambiental, os impactos das mudanças climáticas nas periferias urbanas, a poluição, a escassez de áreas verdes e o direito à cidade. Como afirma Djamilia Ribeiro “*A construção do conhecimento deve considerar os lugares de fala, pois é por meio deles que se ampliam as formas de existir e resistir*” “*reconhecer o lugar de fala é compreender que diferentes sujeitos, a partir de suas experiências, produzem saberes legítimos sobre o mundo que habitam*”. Assim, ao valorizar as vivências e narrativas dos estudantes, essas práticas contribuem para a construção de uma educação mais democrática, crítica e plural (RIBEIRO 2017: 63).

O projeto *Imprensa Teen* Azanha, por meio da educomunicação, oferece aos estudantes ferramentas de produção jornalística e audiovisual que permitem investigar, registrar e dar voz às suas realidades. Nessa perspectiva, os jovens se tornam protagonistas e produtores de conhecimento, contribuindo para a democratização da informação e para o fortalecimento da cidadania ambiental. A cobertura realizada pelos alunos no evento *Construindo uma Cidade Sustentável Rumo à COP30*, com a participação de Carlos Nobre, é exemplo concreto de como o projeto potencializa o envolvimento estudantil nas grandes pautas globais, conectando o local ao global.

Já o *Sarau do Clima* emerge como uma manifestação artístico-cultural que une poesia, música, performance e reflexões socioambientais. O sarau é construído com base nas vivências e nas vozes dos próprios estudantes, permitindo que expressem sentimentos, medos e esperanças diante da crise climática. O uso da arte, nesse contexto, é uma potente ferramenta de sensibilização e mobilização coletiva. A interdisciplinaridade permite a construção de saberes integrados e significativos, como propõe Gadotti (2009), ao afirmar que *“a educação ambiental precisa ser crítica, permanente, participativa, integradora e contextualizada, considerando os sujeitos e os territórios em que estão inseridos”*.

Além disso, a presença dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como eixo estruturante dos projetos amplia a compreensão dos estudantes sobre a interconexão entre justiça ambiental, erradicação da pobreza, equidade de gênero, acesso à educação de qualidade e redução das desigualdades. Esse entendimento favorece a construção de um pensamento crítico e sistêmico, que reconhece a complexidade da crise climática e a necessidade de soluções colaborativas e territorializadas.

A participação ativa dos jovens nos projetos revela, na prática, o que se entende por protagonismo juvenil. São eles que conduzem entrevistas, organizam rodas de conversa, declamam poesias, desenvolvem roteiros e produzem conteúdos digitais com impacto real na escola e na comunidade. Isso reforça a ideia de que o currículo escolar precisa dialogar com o território e com os desafios contemporâneos, ressignificando o espaço escolar como ambiente de construção de sentido, pertencimento e transformação.

Em síntese, os projetos analisados demonstram que a educação climática não pode ser neutra ou descontextualizada. Ao contrário, ela deve ser construída a partir do chão da escola, com os sujeitos que nela atuam, valorizando saberes locais e promovendo ações concretas que contribuam para a sustentabilidade ambiental e social. Essa prática pedagógica comprometida com a realidade e com o futuro de todos se aproxima do ideal do bem-viver, que compreende a vida em comunidade, a solidariedade e o respeito à diversidade como princípios fundamentais para a construção de um mundo mais justo e resiliente. *“O bem-viver é um modo de existir que valoriza a convivência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza, reconhecendo que a preservação dos territórios é condição para a vida coletiva e para a manutenção dos saberes ancestrais.”* (KRENAK 2019, p. 45)

Juventude em ação:

a escola pública como espaço de engajamento ambiental

Ao longo do ano letivo, os estudantes da EMEF Professor José Mário Pires Azanha, por meio do projeto *Imprensa Teen Azanha*, protagonizaram uma série de ações socioambientais e educacionais que os colocaram

em contato direto com a pauta climática, mobilizando a comunidade escolar e articulando redes de conhecimento com instituições científicas, movimentos sociais e lideranças ambientais. Essas ações refletem o potencial da escola pública como espaço de formação crítica, dialogada e engajada com os desafios contemporâneos da humanidade.

O movimento Escolas pelo Clima, que está em destaque no cenário da educação ambiental climática, também apontam por meio do relatório da Unesco a importância da participação de todos no combate a crise climática:

As escolas que adotam uma abordagem climática integrada tornam-se centros de inovação para o desenvolvimento sustentável, capacitando estudantes a entenderem as complexidades das mudanças climáticas e a se tornarem agentes ativos de isolado, mas uma prática que atravessa currículos, políticas escolares e ações comunitárias, enfatizando a justiça social e ambiental (UNESCO 2021: 37).

Conexões com o oceano e a sustentabilidade global

Em 07 de dezembro de 2024, os alunos participaram da Fórmula E, em São Paulo, evento voltado à mobilidade elétrica e sustentabilidade urbana.

Figura 1 — Alunos no evento “Fórmula E”



Da esquerda para a direita: Vilfredo Shurmmman, Erika Monfardini (professora), Bianca Fernandes (estudante), Vinícius Ribeiro (estudante), David Shumman, Isabella Andreza (estudante) e Danielle Ramos Rosa (professora).

Nessa ocasião, realizaram entrevistas significativas com figuras de impacto global: o capitão Vilfredo Schurmann, da Família Schurmann, falou sobre suas expedições pelos oceanos e o impacto do plástico marinho; o jornalista Alexandre Moreno, gerente de comunicação da Expedição Voz dos Oceanos, destacou a importância da comunicação ambiental na sensibilização pública; e o cineasta e CEO David Schurmann compartilhou visões sobre o papel do audiovisual no ativismo climático. Os conteúdos foram publicados no canal da *Imprensa Teen*, fortalecendo o papel dos estudantes como mediadores dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável).

Ciência e escola: aproximação com centros de pesquisa

No dia 13 de março de 2025, estudantes participaram do *Seminário sobre Monitoramento de Microplásticos*, realizado no *Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo*, evento que também marcou a inauguração do *Centro de Referência para Quantificação e Tipificação do Lixo no Mar* (CELMAR). A experiência representou uma importante aproximação entre a escola pública e a produção científica universitária, ampliando o repertório crítico dos estudantes sobre a poluição marinha e os impactos dos microplásticos nos ecossistemas costeiros.

Durante o evento, os estudantes tiveram a oportunidade de dialogar diretamente com cientistas, técnicos e educadores ambientais, o que contribuiu para tornar os conhecimentos científicos mais acessíveis e contextualizados à realidade cotidiana. A participação ativa da *Imprensa Teen Azanha* na cobertura do seminário permitiu que os jovens atuassem como agentes educadores, desenvolvendo habilidades de escuta, interpretação e mediação de informação, além de fortalecer o protagonismo estudantil frente aos desafios ambientais contemporâneos.

A imersão nesse ambiente acadêmico fortaleceu a ideia de que ciência e educação básica não estão dissociadas. Ao contrário, quando integradas de forma dialógica e horizontal, podem fomentar o interesse pela pesquisa, pelo pensamento crítico e pelo engajamento ambiental, especialmente em territórios marcados por desigualdades. Esse encontro proporcionou aos jovens um contato direto com metodologias de monitoramento ambiental e despertou reflexões sobre o papel da juventude na promoção de práticas sustentáveis em suas comunidades.

Figura 2 — Alunos no Seminário sobre Monitoramento de Microplásticos



Da esquerda para a direita: estudantes *Davi Henrique*, *Vinícius Ribeiro*, *Bianca Fernandes*, *Isabella Andreza*, *Ana Gonçalves* e *Lorena Souza* e ao centro o professor *Doutor Alexander Turra*.

Clima e infâncias: o direito ao futuro como pauta legislativa

Em 19 de maio de 2025, estudantes participaram do evento “Clima e Infâncias”, realizado na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp). A atividade reuniu representantes da sociedade civil, especialistas, organizações da infância, comunicadores populares e jovens ativistas para discutir os impactos da crise climática na vida de crianças e adolescentes, especialmente aqueles que vivem em territórios vulnerabilizados. O encontro destacou como a emergência ambiental agrava desigualdades pré-existentes e compromete direitos fundamentais, como saúde, moradia, educação, segurança e o próprio direito ao futuro.

A presença dos estudantes no espaço legislativo teve um papel simbólico e político importante: ocupando cadeiras de um lugar historicamente distante da juventude periférica, os jovens puderam vivenciar a dinâmica do poder público e compreender como a formulação de políticas públicas está diretamente ligada à incidência social. Ao pautarem suas preocupações com enchentes, ondas de calor, insegurança hídrica, descarte irregular de resíduos e a ausência de espaços verdes, eles deram voz às infâncias silenciadas pelas estruturas sociais e ambientais injustas.

Mais do que espectadores, os jovens assumiram o papel de comunicadores e defensores de seus próprios direitos. A participação ativa neste encontro fortaleceu sua consciência cidadã e demonstrou que o

enfrentamento à crise climática exige a escuta e o envolvimento direto de quem já vivencia suas consequências desde cedo. Em tempos de emergência climática, proteger as infâncias não é apenas uma questão de cuidado, mas uma urgência política e ética.

Figura 3 — Estudantes na Alesp



Da esquerda para a direita: estudantes *Davi Henrique* e *Bianca Fernandes* e professoras *Danielle Ramos Rosa* e *Erika Monfardini*

Arte, ciência e ativismo: a juventude na Bienal do Lixo

No dia 22 de maio de 2025, a *Imprensa Teen Azanha* esteve presente na Bienal do Lixo, um evento que se consolidou como espaço de convergência entre arte, ciência e ativismo ambiental. A iniciativa propôs reflexões profundas sobre o consumo desenfreado, a cultura do descarte e os impactos do lixo na vida cotidiana, especialmente nos territórios periféricos e nos ecossistemas mais vulneráveis. Com uma abordagem inovadora, a Bienal reuniu artistas, pesquisadores, ativistas, educadores e o público em geral para provocar olhares sensíveis e críticos sobre a forma como nos relacionamos com os resíduos que produzimos.

Durante o evento, os jovens comunicadores da *Imprensa Teen* atuaram como repórteres educadores, realizando entrevistas com expositores, artistas e especialistas em sustentabilidade. Registraram também instalações artísticas interativas, como esculturas feitas com resíduos sólidos, performances teatrais com temáticas socioambientais e rodas de conversa sobre justiça climática, economia circular e políticas públicas de gestão de resíduos. A cobertura realizada por eles foi publicada

nas redes sociais e plataformas digitais, ampliando o alcance das discussões e promovendo a conscientização em suas comunidades.

A participação nesse espaço possibilitou aos estudantes uma vivência educativa potente, que uniu sensibilização estética, apropriação de conhecimento científico e engajamento cidadão. Ao transitar entre os bastidores e os palcos do evento, os jovens não apenas registraram informações — eles construíram significados, se reconheceram como sujeitos ativos no debate ambiental e identificaram possíveis caminhos de mobilização local.

A Bienal do Lixo, com sua proposta crítica e sensível, contribuiu significativamente para ampliar o repertório cultural e ambiental dos participantes, fortalecendo a ideia de que o enfrentamento à crise climática deve dialogar com as linguagens da juventude e envolver práticas pedagógicas interdisciplinares e vivenciais. Nesse contexto, a atuação da *Imprensa Teen* reafirma o potencial transformador da comunicação feita por e para jovens, conectando arte, ciência e ação social em prol de um planeta mais justo e habitável.

Figura 4 — *Imprensa Teen Azanha* no Parque Vila Lobos



Estudantes com a professora *Erika Monfardini* durante a *Bienal do Lixo*. Projetos de impacto local: da periferia à ação global

A atuação dos estudantes também se expressa por meio de iniciativas locais com alto potencial transformador, que nascem do território e dialogam com desafios globais. Um exemplo emblemático é o projeto “Vila Progresso em Ação — Lixo no Lugar Certo”, uma campanha de conscientização ambiental voltada para a realidade do próprio bairro onde vivem. Inspirado na *Expedição Voz dos Oceanos* — uma jornada que percorre os mares do mundo denunciando a poluição plástica — o projeto foi idealizado a partir das formações do curso “Imprensa Jovem — Mediadores dos ODS”, e articula comunicação, educação climática e mobilização comunitária.

Figura 5 — Ação Rolê pelo Bairro



Registro feito pelos estudantes durante a ação mostrando o descarte irregular de resíduos em córrego da *Vila Progresso*. Além de poluir o ambiente local, o lixo chega aos oceanos através da rede fluvial - cada atitude de descarte consciente faz diferença.

A ação envolveu entrevistas com moradores, produção de vídeos informativos, coleta de dados sobre os resíduos descartados irregularmente e propostas de soluções colaborativas. Essa iniciativa foi reconhecida e divulgada no programa Boas Práticas, da TV Cultura, o que evidenciou o alcance e relevância das ações protagonizadas por jovens da periferia. A partir de um olhar sensível e crítico sobre sua própria comunidade, os estudantes colocam em prática o que aprendem, mobilizando outros sujeitos e exercendo, na prática, uma cidadania ativa e ecológica.

Outro momento marcante dessa caminhada foi a participação na Virada ODS, um evento dedicado à promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Os jovens apresentaram o Sarau do Clima, uma proposta artístico-pedagógica que integra poesia, música, denúncia social e educação ambiental. Por meio de performances autorais, eles

expressaram suas vivências, angústias e esperanças frente à crise climática, ressignificando a arte como instrumento de resistência e diálogo social.

A apresentação foi registrada e divulgada no quadro “Imprensa Jovem no Ar”, reforçando a potência da juventude como agente de transformação socioambiental. Essas experiências revelam como ações de impacto local, enraizadas na realidade de territórios periféricos, podem se conectar a lutas globais por justiça climática, sustentabilidade e bem-viver — sem perder de vista a força da escuta, da arte e da comunidade.

Figura 6 — Virada ODS



Estudantes e professoras no evento da *Virada ODS* em São Paulo.

Educação climática, poesia e protagonismo juvenil: por justiça e transformação

A participação ativa dos estudantes em eventos como o seminário sobre microplásticos no Instituto Oceanográfico da USP, o evento “Clima e Infâncias” na Assembleia Legislativa de São Paulo, e a Bienal do Lixo, evidencia uma trajetória formativa pautada pelo engajamento crítico, pela escuta de especialistas e pela apropriação do conhecimento científico sobre as mudanças climáticas. Esses espaços de aprendizagem extrapolam os muros da escola e colocam os jovens em diálogo direto com pesquisadores, parlamentares, ativistas e artistas, ampliando suas visões de mundo e fortalecendo o senso de pertencimento às lutas socioambientais.

Mais do que adquirir informações, os estudantes compreendem a dimensão ética e política da crise ambiental, especialmente quando ela é atravessada por desigualdades sociais, raciais e territoriais. A justiça climática surge, assim, como um eixo estruturante da proposta pedagógica: trata-se de reconhecer que os impactos das mudanças climáticas afetam de

maneira desproporcional as populações mais vulneráveis — especialmente mulheres, crianças, comunidades negras e periféricas. Como reforça a pesquisadora indígena e ativista Txai Suruí, *“a floresta está falando, e se ela está falando é porque está viva. Se está viva, precisa ser respeitada”* (SURUÍ 2025). Esse respeito, no contexto educacional, passa por dar voz aos jovens, por considerar seus territórios e por transformar indignação em ação.

Nessa perspectiva, os poemas autorais criados e apresentados pelos estudantes no Sarau do Clima ganham uma potência singular: não são apenas expressões artísticas, mas também ferramentas de denúncia, resistência e imaginação de futuros possíveis. Ao nomearem suas dores, apontarem os problemas que vivenciam em seus bairros e proporem alternativas, os jovens afirmam que suas vozes importam. Inspirados por autoras como Conceição Evaristo, os estudantes reafirmam, em cada estrofe, a continuidade de uma luta ancestral por justiça e vida digna.

Ao mesmo tempo, o aprofundamento teórico proporcionado pelos encontros com cientistas e especialistas permite uma compreensão mais ampla dos desafios globais da emergência climática. Referências como a climatologista Thelma Krug, vice-presidente do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), apontam que os efeitos das mudanças do clima são agravados em contextos de vulnerabilidade social e que políticas públicas eficazes devem necessariamente considerar os recortes de classe, raça e gênero. Como o poema feito pela estudante Júlia, do sétimo ano:

Ecoss da injustiça

*Na cidade dividida, ecos de dor
Um lado brilha em ouro o outro em temor
As chamas da vida se apagam devagar
Enquanto a esperança se esvai no ar
Casas empilhadas, sonhos esquecidos
Pessoas que lutam por direitos perdidos
A indiferença pesa como um manto cruel
Os que têm conforto, ignoram o papel
A natureza grita, mas poucos escutam
As vozes silenciadas que nunca disputam
E assim a Terra chora em seu lamento
Enquanto a injustiça se torna um tormento
No crepúsculo sombrio a luz se esconde
E a tristeza ecoa onde o futuro responde.*

Júlia Gonçalves, estudante do sétimo ano

Assim, ao unir ciência, arte, comunicação e território, a escola pública reafirma seu papel como espaço de formação política e transformação

social. A construção de uma pedagogia climática não é apenas necessária, mas urgente — e ela já está sendo desenhada pelas mãos e vozes da juventude periférica. A pesquisadora Thaís Brianezi reafirma o papel da educomunicação em toda essa transformação:

A educomunicação abre espaço para o protagonismo dos sujeitos, particularmente em contextos educativos, ao promover o desenvolvimento da consciência crítica e o engajamento social. Por meio da produção de conteúdos comunicacionais, os indivíduos aprendem a se expressar, a se posicionar e a intervir no seu entorno, fortalecendo as práticas democráticas e a justiça social (BRIANEZI 2017: 45).

A escuta como prática educomunicativa e política na construção da justiça climática

No dia 2 de junho de 2025, estudantes do projeto *Imprensa Teen* participaram da gravação de um episódio especial do podcast *PodConversar*, que contou com a presença da jovem ativista Marcele Oliveira, moradora do bairro de Realengo (RJ) e reconhecida internacionalmente como *Climate Champion da COP 30*. A atividade integra o conjunto de ações desenvolvidas pelos estudantes no campo da educomunicação socioambiental, promovendo espaços de escuta, reflexão crítica e produção midiática a partir da perspectiva das juventudes periféricas.

O episódio teve como eixo temático “As vozes das crianças e adolescentes na COP 30”, destacando o papel da juventude nas discussões internacionais sobre mudanças climáticas. Marcele compartilhou sua trajetória de atuação em defesa de um parque urbano em sua comunidade, luta que culminou na formulação de uma política pública ambiental em seu território. A ativista ressaltou a importância do envolvimento juvenil nos espaços de decisão e a necessidade de aproximar o debate climático global das realidades locais: “*Tem muita gente engravatada que às vezes nem sabe da realidade dos jovens, mas querem decidir como enfrentar a pobreza e as enchentes*” (OLIVEIRA 2025).

A mediação do podcast foi realizada por estudantes da rede pública municipal, que elaboraram perguntas relacionadas à participação infantojuvenil na COP 30, ao papel das comunidades na proteção ambiental e à urgência de medidas efetivas para garantir o direito à cidade sustentável. Entre os questionamentos, destacou-se a preocupação com a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade nas agendas climáticas internacionais. A resposta de Marcele enfatizou a importância da organização coletiva e da escuta como fundamentos para a incidência

política: “Se não nos organizarmos, não conseguimos interferir nas políticas que afetam a todos” (OLIVEIRA 2025).

Além das dimensões estruturais da justiça climática, a convidada provocou reflexões sobre práticas cotidianas de cuidado com o meio ambiente, como o manejo correto de resíduos e o papel da educação ambiental comunitária. A produção do episódio evidenciou a potência da educomunicação como estratégia pedagógica que articula conhecimento científico, engajamento social e protagonismo juvenil (COSTA 2009; BRIANEZI 2021).

O encontro entre os estudantes e a ativista reforça a centralidade da escuta ativa e da produção colaborativa de sentidos como ferramentas para a construção de políticas públicas mais inclusivas. Tal perspectiva dialoga com Freire (1996), ao defender que “*não há diálogo, se não há humildade, se não há amor, se não há esperança, se não há fé nos homens*”. Assim, a escuta se constitui não apenas como metodologia de aprendizagem, mas como prática política que reconhece a juventude como sujeito de direitos e agente de transformação nas agendas climáticas globais.

Figura 7 – Print de conversa



Conversa da ativista *Marcelle Oliveira* com os estudantes *Bianca Fernandes* e *Davi Henrique*.

Considerações finais

Diante do agravamento da crise climática e da persistência de desigualdades estruturais nas comunidades periféricas brasileiras, este artigo evidenciou a importância da escola pública como espaço de resistência, formação crítica e ação transformadora. Os projetos da escola, *Imprensa Jovem* (*Imprensa Teen Azanha*), *Sarau do Clima* e *Mediadores dos ODS* uniram forças para tratar da temática de forma efetiva e colaborativa,

a iniciativa demonstra o potencial das escolas em promover a educação climática e inspirar ações concretas. Ao abordar o problema do descarte inadequado de lixo, a campanha busca mudar hábitos e proteger o ambiente local, refletindo sobre a relevância de cuidar do meio ambiente. A mensagem final reforça que o futuro sustentável começa com ações simples e conscientes, impulsionadas pela educação e pelo engajamento da comunidade escolar. A experiência da EMEF Professor José Mário Pires Azanha, mostrou como práticas pedagógicas interdisciplinares, integradas ao território e à realidade dos estudantes, podem fomentar o protagonismo juvenil e a construção de uma educação climática pautada na justiça social.

Essas ações demonstram que é possível articular saberes científicos e populares, arte e comunicação, local e global, promovendo uma aprendizagem significativa que contribui não apenas para o desenvolvimento individual, mas também para o fortalecimento comunitário e ambiental. O engajamento dos estudantes como autores e multiplicadores de conhecimento revela o potencial transformador de uma pedagogia que se ancora na escuta, no diálogo e no compromisso com a vida.

Inspirada por Paulo Freire e pelas vozes de lideranças como Sônia Guajajara e Carlos Nobre, a pedagogia climática proposta neste estudo se compromete com a valorização dos sujeitos historicamente silenciados e com a construção de alternativas sustentáveis e solidárias. Nesse sentido, defender a educação climática como direito fundamental e reconhece que a luta por justiça ambiental começa na escola — especialmente nas escolas das periferias urbanas, onde a potência da juventude pode se tornar uma força decisiva para a construção de um futuro mais justo e plural.

Referências

AZANHA, Imprensa Teen (2025). *Podcast PodConversar: As vozes das crianças e adolescentes na COP30 — com Marcele Oliveira*. São Paulo, 2 jun. Podcast.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=gamVQ3V1OdE&embeds_referring_euri=https%3A%2F%2Feducomimprensajovem.blogspot.com%2F&source_ve_path=MjM4NTE

Acesso em: 29/07/2025.

BRIANEZE, Thaís (2017). *Educomunicação e democracia: práticas e desafios*. São Paulo, Paulus.

_____. (2021). “Educomunicação socioambiental: juventudes e ações coletivas na produção de sentidos sobre o meio ambiente”. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) — Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

COSTA, Cristina (2009). *Juventude e participação política: o protagonismo juvenil em cena*. São Paulo, Cortez.

EVARISTO, Conceição (S/D). “Entrevista e textos sobre literatura e resistência negra”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IOPkaOdqJ30>. Acesso em: 31/07/2025.

FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra.

FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO (2021). *Quem precisa de justiça climática no Brasil?* São Paulo, FRL. Disponível em: <https://www.rosalux.org.br/publication/quem-precisa-de-justica-climatica-no-brasil/>. Acesso em: 31/07/2025.

GADOTTI, Moacir (2009). *Educação e sustentabilidade: uma introdução à educação para a sustentabilidade*. São Paulo, Instituto Paulo Freire.

IMPrensa TEEN AZANHA (2024). “Cobertura e entrevistas nos eventos de 07/12/2024 a 07/06/2025”. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DIzClAvusut/>; <https://www.instagram.com/p/DKiSX2Pslla/>; <https://www.instagram.com/p/DKdACNbuPLd/>; <https://www.instagram.com/p/DKBOKIIsHx8/>; <https://www.instagram.com/p/DKvpNy2MO5l/>; <https://www.instagram.com/p/DLAjyPuMTeU/>; <https://www.instagram.com/p/DLhlfuUu1Uo/>. Acesso em: 31/07/2025.

KRENAK, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Companhia das Letras.

KRUG, Thelma (S/D). “Participação e relatórios do IPCC sobre mudanças climáticas e justiça social”. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/author/thelma-krug/>. Acesso em: 31/07/2025.

NOBRE, Carlos (2025). Entrevista concedida ao projeto Imprensa Teen Azanha durante o evento *Construindo uma Cidade Sustentável Rumo à COP 30*. Vídeo publicado no Instagram do Imprensa Teen Azanha, 07/04/2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DLTWjByNdKu/>. Acesso em: 29/07/2025.

OLIVEIRA, Ismar de (2010). *Educomunicação: uma prática pedagógica para a cidadania*. Porto Alegre, Sulina.

OLIVEIRA, Maria et al. (2023). “Educação Climática e Participação Comunitária: perspectivas para a justiça socioambiental”, *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v.18, n.2: 45-62, 2023.

PROJETO VILA PROGRESSO EM AÇÃO (2025). *Lixo no Lugar Certo*. Vídeo educativo. YouTube.

Disponível em: https://youtu.be/f_ub3tgZIlc

Acesso em: 31/07/2025.

RIBEIRO, Djamila (2017). *O que é lugar de fala?* São Paulo, Letramento; Pólen.

SANTOS, Sônia Guajajara (2021). *Justiça climática e os povos originários*. Conferência na COP26, Glasgow.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XzF1V4ZFwQs>

Acesso em: 29/07/2025.

SURUI, Txai (S/D). “Entrevista sobre ativismo indígena e meio ambiente”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qb4hT6Wp7vY>

Acesso em: 31/07/2025.

UNESCO (2021). *Educação para o Desenvolvimento Sustentável: um guia para escolas pelo clima*. Paris, UNESCO.

Sobre as autoras

Danielle Ramos Rosa é professora da rede estadual desde 2010 e da rede municipal desde 2017, é formada em Letras pela Universidade Cruzeiro do Sul (2009) e Pedagogia (2025) e possui especialização em Tradução (2012). Atua como Professora Orientadora de Sala de Leitura (POSL) na rede municipal desde 2022, desenvolvendo projetos voltados à formação leitora e à expressão artística, como o *Sarau* e o *Clube de Leitura*. Trabalha em parceria com a professora do Laboratório Digital no projeto *Imprensa Jovem*, promovendo práticas interdisciplinares de leitura, mídia e educomunicação.

Erika Vieira Lima Monfardini é professora graduada em Licenciatura Plena em Matemática (2001), Pedagogia e Supervisão Escolar (2005). Tem especialização em Matemática pela Unicamp (2013), Educação Inclusiva (2016) e Psicopedagogia (2017). Atua na rede estadual de ensino desde 2001 e na rede municipal de São Paulo desde 2010. Desde 2015, é professora de Educação Digital e educadora, desenvolvendo o projeto *Imprensa Jovem* com foco em protagonismo estudantil e comunicação escolar.